

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.018](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.018)

A LITERATURA COMO ARTE DE RESISTÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DO ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Simone Caetano de Melo

Graduado pelo Curso de Letras- Espanhol e Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – PB. Mestranda em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) pela mesma universidade, simonecaetano2013@gmail.com

Elizabete Carlos do Vale

Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – RJ, elisabete.vale@servidor.uepb.edu.br

RESUMO

A literatura é de fundamental importância, em todos os tempos, sobretudo, quando se trata da resistência em tempos tão instáveis em que se encontra o contexto sócio-político brasileiro, neste sentido, ela é imprescindível para a formação humana, pois possibilita a formação de cidadãos capazes de analisar criticamente o mundo ao seu redor. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a obra *Ponciá Vicêncio* da escritora Conceição Evaristo (2017), que é uma participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, além disso, pretendemos destacar o protagonismo da mulher negra no referido romance. Este é caracterizado pela sua linguagem poética e compromisso com a crítica social, trazendo ao leitor questões étnicas, de gênero e de classe. O romance narra a história de Ponciá Vicêncio, desde sua infância até a vida adulta, mostrando seus sonhos e desencantos, emblematizados pela herança da escravidão, entrelaça história social e individual, configurando um jogo entre passado e presente, a partir das memórias. A pesquisa será de cunho

qualitativo e bibliográfico. Para tanto, foram utilizados para o embasamento teórico fontes como Evaristo (2017), Santiago (2002), Spivak (2010), Balisa e David (2017), Dalcastagnè (2012), Collins (2019), entre outras. Os resultados encontrados no presente estudo mostram que é de extrema relevância refletir sobre a literatura afro-brasileira, pois ela permite uma (re) construção crítica do passado e a discussão de muitos preconceitos que ainda estão enraizados na sociedade brasileira. Assim, concluímos que é possível através da literatura compreender melhor nosso processo histórico e, para além disso, como lidamos com ele hoje, no intuito de construir novos rumos para uma sociedade mais justa e que abranja toda a diversidade.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, Mulher. Conceição Evaristo, Escrivência.

INTRODUÇÃO

A literatura é uma forma de resistência indispensável para a formação humana justamente pelo seu caráter humanizador que, segundo Antonio Candido, (2011, p. 188) “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto, nos humaniza. Assim como, é através do texto literário que podemos conhecer os arquivos de nossa história, além disso, ele nos ajuda a refletir sobre a sociedade nas suas diferentes dimensões e aguçar a criticidade do leitor, possibilitando uma construção crítica dos mais diversos temas. A literatura como resistência é entendida por Bosi (1996), conforme destacado por Maciel (2022) como uma ação ligada diretamente à ética e não a estética, “mas houve a junção da arte, da ética e da política e, a partir de tal ligação, o ato de resistir passou a fazer parte das expressões artísticas, o que ocasionou o surgimento da narrativa e da poesia de resistência”. Assim, ainda de acordo com a autora, a literatura de resistência “expõe fatos da realidade, a rotina dos meios de alienação, o inverso de uma vida plena e digna, a fim de afrontar e tirar o sossego da força dominante” (MACIEL, 2022 - digitalizado).

Para tanto, abordar a literatura produzida por escritoras de origem humilde, como a escritora negra, a mineira Conceição Evaristo, que dentro das suas narrativas expõe, a partir de um realismo poético, a realidade da mulher negra periférica como símbolo de resistência à pobreza e à discriminação, permite mostrar que a diversidade de vozes não só enriquece o campo literário brasileiro contemporâneo, mas também, mostra a importância de buscar desinvisibilizar os sujeitos marginalizados. Nesse sentido, Conceição Evaristo traz ao campo literário uma representatividade bastante significativa para as classes marginalizadas com ênfase no destaque à mulher negra, a respeito disso percebemos que, em muitas de suas obras, como o romance *Ponciá Vicêncio*, mas outras como *Insubmissas lágrimas de mulheres*, *Becos da memória*, entre outras, a autora enfatiza o protagonismo da mulher negra, trazendo sempre para o centro a condição desta. No romance *Ponciá Vicêncio* (objeto de reflexão do presente trabalho), Evaristo representa, por

meio da trajetória de vida da protagonista da história, as memórias de um passado sofrido que ainda se desdobra no presente, estabelecendo um diálogo entre eles. O leitor é convidado a analisar junto com cada personagem que compõe a obra, questões de gênero, étnicas e de classe. As emoções são trabalhadas de forma intensa, permitindo que sintamos juntos as angústias e inquietudes vividos por cada um deles.

Dessa forma, o presente trabalho objetiva refletir sobre a literatura como campo de resistência, à luz da escrita de Conceição Evaristo, focalizando, essencialmente, nesse estudo, o romance *Ponciá Vicêncio*. Assim, a partir da escrita de Conceição Evaristo que é sinônimo de resistência, de uma luta que vem se desdobrando ao longo dos anos e que, mesmo com as conquistas do povo negro, ao longo da história, ainda há muito o que se fazer, focaliza a literatura como um meio através da qual é possível possibilitar as pessoas a desconstrução de preconceitos de classe, raça e gênero enraizados culturalmente, e de enfrentamento do racismo estrutural na sociedade brasileira como um dos maiores desafios a ser enfrentado para a construção da justiça social.

A escolha da obra de uma escritora negra se deu, a partir da leitura de Dalcastagnè (2012) onde a mesma tematiza sobre o campo literário no Brasil e através de números traz considerações de que quando se fala em Literatura esse espaço ainda é majoritariamente dominado por homens brancos, sendo assim homogêneo. Desse modo, é de extrema importância trabalhos que enfoquem as produções de escritoras negras, pois permitem mostrar que este universo é heterogêneo e que precisamos de obras com perspectiva do olhar feminino. Dentre as escritoras negras brasileiras, Conceição Evaristo é uma das que vem ganhando cada vez espaço, sendo já uma autora renomada, sobretudo pela sua forma poética com as palavras que tem cativado um público cada vez maior. Nesse viés, escolhemos esta escritora e o romance em questão, porque colocam as mulheres para protagonizar suas próprias histórias, ou seja, mostram seus anseios, medos, desencantos e sonhos, mas contados desde sua percepção. Sendo assim, percebemos que a relação entre gênero e raça na literatura é uma forma de representar tais categorias que continuam sendo vítimas de preconceito e opressão e é através do universo literário que podemos dialogar

e refletir sobre tais aspectos levando em consideração, além de outros, o seu caráter humanizador.

Para o desenvolvimento desse artigo utilizamos como aporte teórico Dalcastagnè (2012) com sua obra intitulada *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, Santiago (2002) com seu ensaio sobre A prosa literária atual no Brasil, Spivak (2010) com seu livro *Pode o subalterno falar?* Além da tese de Araújo (2012) abordando *A Escrivivência de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio*, Abrahão e Soares (2011) com seu artigo *O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol*, entre outros.

Vale salientar ainda, que nossa relação com a Literatura vem desde o curso de Letras (nossa primeira graduação), onde tivemos contato com obras literárias brasileiras e hispânicas, as quais permitiram através de suas análises uma melhor compreensão da sociedade, além de entendê-las como um meio fundamental no desenvolvimento da criticidade e formação do sujeito. Nesse sentido, a escolha pela temática aqui referida surgiu a partir de um Congresso sobre Educação Infantil, na ocasião trabalhamos um livro intitulado *Que cor é a minha?*, que assim como o objeto em questão abrange questões de raça, o que as diferencia é que o romance *Ponciá* trabalha de forma mais ampla abrangendo outros aspectos, como por exemplo gênero, até mesmo por ser uma leitura direcionada para um público da EJA. Sendo assim, entendemos a Literatura como um dos meios poderosos para a formação de leitores proficientes e críticos, e isso implica dizer que o pedagogo deve ser, não só da mesma forma um leitor assíduo, mas também um modelo de leitor, visto que só é possível desenvolver um trabalho de qualidade, quando se conhece, de fato, a obra a ser abordada, por isso, o momento de reflexão sobre o objeto que se quer trabalhar constitui-se de uma das fases mais importantes para, em seguida, apresentá-la nas aulas de forma que a leitura seja prazerosa, descartando o didatismo, no sentido de utilizar a literatura como pretexto para ensinar conteúdos. Portanto, este trabalho justifica-se, em sua essência, também pela necessidade de evidenciar a representatividade da mulher negra e como a literatura tem ajudado na compreensão dos fatores sócio históricos do nosso país,

além de ser um caminho para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e romper com os estereótipos ligados ao povo negro. Além disso, é extremamente relevante no sentido de que a comunidade acadêmica e demais leitores interessados pelo tema, possam refletir ao levar em consideração não só a contribuição da literatura brasileira contemporânea, mas também estudos de obras, a partir da escrita de mulheres negras para a desconstrução de um campo literário majoritariamente composto de homens brancos. Em suma, nossa decisão em refletir sobre o romance *Ponciá Venâncio* – esta obra é o intento de trazer uma maior visibilidade para as mulheres que ainda são fortemente oprimidas pelo sistema patriarcal, sobretudo as mulheres negras.

Finalmente, é importante destacar que este trabalho de conclusão de curso é resultado de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica. Apresenta após a introdução, um capítulo com o referencial teórico, focalizando uma breve biografia de Conceição Evaristo e uma discussão acerca do conceito de “Escrivência”, categoria central das obras da autora. No segundo capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos. No terceiro capítulo destacamos os resultados e discussões da pesquisa, a partir de algumas reflexões à luz do romance *Ponciá Vicêncio*, enfocando, assim, as questões de gênero, classe e etnia. Por fim, tecemos as considerações finais de forma sintética.

METODOLOGIA

O referencial metodológico do presente trabalho de pesquisa é de natureza qualitativa, que pode ser entendida como “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados” (NEVES, 1996, p. 1). É uma pesquisa de natureza bibliográfica, a qual segundo Macedo (1994) pode-se conceituá-la como:

É a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses, etc.) e o respectivo fichamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas (na identificação do material

referenciado ou na bibliografia final). (MACEDO, 1994, p. 13)

Para que os objetivos estabelecidos sejam alcançados, fez-se necessário, em um primeiro momento, o levantamento, a leitura e fichamentos do romance e de textos que compõem a fortuna crítica de Conceição Evaristo para que assim o trabalho fosse construído. Outro aspecto reafirmado na escolha teórico-metodológicos é a valorização dos modos de produção de conhecimento das escritoras e intelectuais negras, a exemplo da escrevivência de Conceição Evaristo, que inspira a conceber o texto acadêmico como uma escrita-vida (SOUZA e MIRANDA, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

UM OLHAR SOBRE O ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO

O romance *Ponciá Vicêncio* é considerado, como discute Santiago (2002), uma obra memorialística, pois tem como fim despertar a consciência política do leitor. Nesse sentido, ele forma uma rede discursiva pela qual é recuperada a memória de uma dor, que é física, moral, individual e coletiva. A história, assim, vai explorando pouco a pouco as complexidades de cada personagem, mostrando suas diferentes facetas, por isso as conclusões sobre cada um deles não devem ser precipitadas. O livro não é composto por capítulos, mas por parágrafos curtos que são narrados em terceira pessoa, tendo como protagonista uma menina de origem afrodescendente chamada Ponciá Vicêncio, além disso, mais duas personagens são peças importantes no romance, seu irmão José Luandi e sua mãe Maria Vicêncio, entre outras.

Conceição Evaristo traça a trajetória de Ponciá desde sua infância a vida adulta, colocando em pauta seus encantos e desencantos, com seu meio familiar e amigos. O romance vai se construindo pelo entrelaçamento entre passado e presente, Dalcastagnè (2012) relata que as memórias são de extrema importância para a compreensão do presente e que o passado é organizado de diferentes formas para dar-lhe sentido, ou seja, vemos, a cada instante, a protagonista tomada por suas angústias e dificuldades em lidar com suas marcas históricas. Uma das grandes questões de Ponciá era o

seu nome, estava sempre se perguntando a origem dele, sentia-o como um grande vazio:

O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2017, p. 27)

O vazio sentido pela personagem está perpassado pela história do processo de escravização no Brasil, visto que naquela época os escravos recebiam o nome do seu dono como uma representação de posse. Mesmo Ponciá sendo apenas descendente de escravos recebeu este sobrenome “Vicêncio”, o qual pertencia ao dono dos seus bisavôs. Dessa forma, havia na assinatura dela, marcas de um poderio marcado pela herança da escravidão. Este fato causava nela uma sensação de desconforto, pois trazia à tona uma época em que os negros eram tratados de forma desumana e mesmo com o fim desse período seu nome era prova dos resquícios que ainda existia dele.

Evaristo enfatiza a Educação como um privilégio dos brancos, além disso a branquitude duvidava da capacidade de aprendizagem dos negros:

Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco, e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço certificou-se de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que negro ia fazer com o saber de branco? (EVARISTO, 2017, p. 17)

A Educação é mostrada em si como algo que só servia para os brancos, pois, na concepção deles, o negro não tinha as mesmas capacidades de aprendizagem, no entanto percebemos que sim, o negro pode aprender tanto quanto o branco, o que lhe faltava era oportunidades. Assim como o pai, Ponciá aprendeu a ler por meio de uma missão realizada pela igreja onde residia, ela sempre viu nas

letras uma chance de sair da vida dura enfrentada na Vila Vicêncio, missão essa que foi encerrada logo que a menina aprendeu a ler, em ambos os casos, tanto de Ponciá quanto do pai, as letras lhe são ensinadas de forma limitada, pois o intuito não era fazer com que esses sujeitos refletissem sobre sua realidade, isso mostra também como aborda Spivak (2010) a condição de subalternidade desses indivíduos marginalizados que são a todo tempo silenciados de alguma forma, uma vez que, como afirma Dalcastagnè (2012), o silêncio desses subalternos é coberto por outras vozes que se sobrepõem a eles.

As letras são colocadas como uma esperança de se sobressair a vida difícil que levavam, quem do mesmo modo tinha o sonho de aprender a ler e a escrever era Luandi, o qual assim como Ponciá foi tentar a vida na cidade “Luandi havia colocado um grande desejo no peito. Ia aprender a ler para um dia ser soldado. Lembrou da missão que passara por uns tempos na sua terra” (EVARISTO, 2017, p. 63). Ele acreditava que adentrando no mundo das letras lhe possibilitaria melhores condições de vida para si, sua mãe e a irmã. Porém, ao longo do romance a autora mostra também os desencantos dessa família com a educação:

Um dia Ponciá juntou todas as revistas e jornais e fez uma fogueira com tudo. De que valia ler? De que valia ter aprendido a ler? No tempo em que vivia na roça pensava que, quando viesse para a cidade, a leitura lhe abriria meio mundo ou até o mundo inteiro. Agora nada lhe interessava mais nas notícias: o deputado podia morrer afogado na fossa, a mulher dele poderia dar trintas facadas nas costas do prefeito, o menino podia desviar verbas da prefeitura, o pedreiro podia ficar nu no carro trocando carícias com o outro deputado. O mundo podia virar de cabeça para baixo, que pouca diferença faria. Que ela pouco se dava, que ela pouco se dava... (EVARISTO, 2017, p. 79).

Essa trajetória educacional da população negra no Brasil é, ainda hoje, apesar de todas as conquistas ao longo do tempo que permitiram de modo significativo a ascensão representativa do negro na educação, algo que está caminhando a passos lentos. É preciso desconstruir essa imagem que muitas vezes inferioriza os negros e superar as desigualdades que ainda se fazem presentes

e romper com a ideia de que a educação deve atender apenas os interesses da classe dominante branca como foi enraizado desde o período da colonização, segregando a população negra do acesso e da produção intelectual. Em suma, ainda é preciso lutar cada vez mais para diminuir as desigualdades entre negros e brancos e garantir a equidade de oportunidades para ambos. Cabe ressaltar que cada conquista é fruto da resistência e de muitas lutas travadas ao longo da história.

A família de Ponciá vivia em um pequeno povoado conhecido como a Vila Vicêncio, seu pai e seu irmão trabalhavam na fazenda do coronel Vicêncio e quase não apareciam em casa, enfrentavam o que podemos chamar de um regime de semiescravidão, visto que, embora a escravidão houvesse acabado, as condições de trabalho não mudaram tanto e os trabalhadores principalmente da zona rural continuaram sendo explorados:

O coração de muitos regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos, sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno. (EVARISTO, 2017, p. 42)

A liberdade tão sonhada não veio como imaginavam, mesmo com a abolição, os negros não saíram de sua condição de subalternidade, estando ainda, de certo modo, sob o poder dos coronéis, na medida em que para ganhar um pedaço de terra precisavam continuar trabalhando em suas propriedades. O fim da servidão chegou, mas isso não foi garantia de que os negros seriam aceitos na sociedade, pelo contrário enfrentaram muitas dificuldades sem nenhuma lei que os amparassem, vítimas do preconceito, muitos acabavam se submetendo a continuar nas fazendas em troca da sobrevivência.

Acompanhado desse processo histórico, temos os estereótipos relacionados aos negros, os quais ainda hoje permanecem. O livro aborda estes aspectos tecendo uma crítica às visões distorcidas

quanto a estes povos. Abrahão e Soares (2011) analisam a partir do futebol algumas visões estereotipadas que ainda são muito presentes e naturalizadas na sociedade brasileira e que precisamos refletir sobre elas. Dessa forma, Evaristo traz algumas ideias que são atreladas ao povo negro:

E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. Poucos, muito poucos eram como o Soldado Nestor e ele. Soldado Nestor olhou desconcertado para Luandi que continuava calmo, parado, longe como se o delegado não estivesse ouvindo. (EVARISTO, 2017, p. 102)

Podemos observar que muitas pessoas ainda têm uma visão discriminatória quando se trata da população negra, pois, como diz Abrahão e Soares (2011), foi propagada pelas classes dominantes durante muito tempo, porém é preciso desconstruir tais equívocos que ainda estão enraizados na sociedade brasileira, a percepção de que esses sujeitos são “vagabundos” é refletida diretamente em nosso cotidiano em diversas situações, é só lembrar como estes são vistos de forma inferiores quando entram em algum estabelecimento comercial por exemplo, fazendo-nos perceber que as diferenças entre brancos e negros no Brasil são nítidas e que a cultura da discriminação ainda precisa ser melhor trabalhada em todos os campos da sociedade.

O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA

A literatura de Conceição Evaristo marcada pela sua escrita é, em geral, protagonizada pela mulher negra, com isso ela abre espaço e dá voz a estes sujeitos, tirando-os da sua condição subalterna. De acordo com Arruda (2007), a escritora é uma das que inova no campo literário ao retratar a mulher abordando outras temáticas de forma mais ampla, visto que, até um tempo atrás, os romances só enfocavam a maternidade e o casamento. Portanto, ao analisar a vida da protagonista no livro aqui referido percebe-se que ela quebra alguns paradigmas quando se fala do papel feminino. Desde criança, Ponciá é aquela que, mesmo diante de suas angústias e anseios, não deixava de sonhar com uma vida melhor,

tinha plena convicção de que aprender as letras lhe permitiria conseguir melhores oportunidades, mas a sociedade marcada pelas desigualdades sociais, lutas de classe e pelo preconceito fez com que seu vazio fosse aumentado ainda mais.

Já em sua fase adulta Ponciá decide mudar-se para a cidade, ainda que muitos negros não tivessem contado uma experiência positiva com a zona urbana ela acreditava que consigo seria diferente. Ao chegar na cidade ela se depara com as desigualdades de forma mais acentuada e sente na pele o que é uma mulher negra sair sozinha em busca de melhores condições de vida. Dessa forma, o fato da autora trazer sua protagonista feminina para a cidade desconstrói um pouco do que era feito em sua maioria nos romances brasileiros, a mulher passa a adentrar no espaço antes ausente e narrar desde sua perspectiva como se constitui seu trajeto nesses limiares:

A cidade que se vai desenhando na narrativa brasileira contemporânea é, como já disse antes, masculina. Não temos a menor ideia de como as mulheres vêm o espaço urbano que se estende sob seus pés e se relacionam com ele. Elas se tornam, assim, invisíveis. São apagadas de nossas ruas, praças, prédios públicos - como se nada tivessem a fazer ali, como se nada tivessem a dizer da vida nesses lugares. (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 124)

A literatura de Evaristo traz a relação da mulher com a cidade narrada desde sua ótica, o que permite olhares muito mais detalhados e específicos e a construção de um discurso crítico. Nesse sentido, de acordo com o que se discute no prefácio de Spivak (2010), a mulher intelectual tem uma importante tarefa, de auto representar aqueles que são, por vezes, silenciados e estes o são pela sua condição de subalterna, quanto a isso a mesma autora traz no seu prefácio informações importantes do que seria esse sujeito subalterno:

[...] o que ela considera errônea apropriação do termo subalterno, que não pode ser usado para se referir a todo e qualquer sujeito marginalizado. Para ela, o termo deve ser resgatado, retomando o significado que Gramsci lhe atribuiu ao se referir ao "proletariado",

ou seja, àquele cuja voz não pode ser ouvida. O termo subalterno, Spivak argumenta, descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 13-14).

É na cidade que Ponciá vai questionar ainda mais os dramas vividos pelas mulheres, especificamente a mulher negra. Desse modo, ela rompe com o papel que se é esperado pela sociedade podendo ser encarada, muitas vezes, como rebelde:

É nas jovens migrantes, mulheres pobres que se mudam sozinhas, sem pai ou marido, que podemos vislumbrar a rebeldia de algumas personagens femininas. Mas aí já se impõem outros constrangimentos – suas trajetórias são barradas por diferentes discursos, misóginos, racistas, anti-nordestinos, todos eles imersos no preconceito de classe. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 138)

Ao sair do espaço privado e tentar adentrar nos espaços públicos as mulheres são encaradas com maus olhos, esta é uma ideia que atualmente ainda precisa ser desconstruída, pois elas devem ser agentes ativas e não devem ser alcançadas pelos discursos moralizantes de controle. É necessário, sim, que mulheres, pobres, negras, cegas e tantas outras estejam presentes nos contornos urbanos para que possamos ter um retrato da vida, a partir daqueles que são esquecidos ou colocados em segundo plano e não como protagonista.

Evaristo, dá voz as mulheres negras possibilitando, assim, que as mesmas tomem consciência da opressão que vem sofrendo historicamente, pois são seres invisíveis quando analisamos a produção literária, neste caso e, de modo em geral, acerca disso, a escritorafeminista estadunidense discorre que:

A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas também na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para a manutenção das

desigualdades sociais. Mulheres negras que se dedicam a reivindicar e construir conhecimentos sobre mulheres negras costumam chamar a atenção para a política de supressão que seus projetos enfrentam (COLLINS, 2019, p. 6).

Nesse sentido, ao trazer suas personagens femininas negras para o protagonismo nossa autora em questão tira-as dessa invisibilização e mostra suas lutas, o que causa, de certa forma, desconforto, pois estamos inseridos em uma sociedade capitalista e que, como é o seu papel, opera em todos os sentidos para que as desigualdades sociais se reproduzam continuamente. Dessa forma, Evaristo, engloba no Brasil especificamente, o grupo de mulheres negras intelectuais que nos permite através de suas obras refletir sobre esse contexto de opressão e desigualdades que ainda permeia, de forma muito forte, a sociedade brasileira. Inclusive ajuda a “Pensar como as opressões se combinam e entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se pensar outras possibilidades de existência” (RIBEIRO, 2016, p. 100).

Para que as mulheres negras saíssem um pouco da marginalidade o Movimento feminista negro teve um papel de extrema importância nesse sentido, o que permitiu consequentemente mais visibilidade de suas necessidades e pautas, pois, como afirma Ribeiro (2016, p. 101):

A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que essa mulher não tenha seus problemas sequer nomeados. E não se pensa saídas emancipatórias para problemas que sequer foram ditos. A ausência também é ideologia. Muitas feministas negras pautam a questão da quebra do silêncio como primordial para a sobrevivência das mulheres negras.

Portanto, Conceição Evaristo sendo diretamente engajada nesse movimento traz através de sua personagem Ponciá pautas bastante interessantes a serem pensadas a respeito desses sujeitos, quebrando o silenciamento propagado ao longo de nossa história e rompe com a ausência de um olhar étnico-racial, não se calando diante dos opressores. Por isso, vale ressaltar de acordo com mesma autora que “Numa sociedade de herança escravocrata,

patriarcal e classista, cada vez mais torna-se necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório.” (RIBEIRO, 2016, p. 102)

O romance em questão aborda variadas temáticas para se pensar a respeito da mulher negra e um dos aspectos levantados é em relação a violência contra esses sujeitos, sabemos que ainda existe um índice muito alto no Brasil de casos onde as são violentadas e tem seu direitos violados, sendo um cenário já bastante antigo. Sobre esse aspecto nos reportamos a Ritt, Cagliari e Costa, citadas por Balisa e David (2017, p. 77):

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois, a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido.

Nesse contexto, a personagem Biliza, uma mulher negra vinda da zona rural para a cidade que acaba se envolvendo no mundo da prostituição com vistas a conseguir juntar dinheiro de uma forma mais rápida acaba sofrendo diversos tipos de violência. A primeira é a verbal quando certo homem a desrespeita com insultos “Um dia, um homem enciumado chamou Biliza de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é me esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou” (EVARISTO, 2017, p. 84). Percebemos, a ideia da mulher como objeto, que está ali para satisfazer os desejos masculinos, mas ao mesmo tempo certa compreensão por parte de Biliza de que não estava obrigada a se submeter a tal situação sendo convicta de seu valor.

Evaristo descreve ainda nesse mesmo romance, a situação de objetificação e submissão da mulher negra, pobre e “prostituta”, bem como, os seus desejos de superação de tais condições, quando narra que certa vez, Biliza acabou se encontrando com Luandi, os dois se identificaram e passaram a encontrar-se com frequência, o qual a propôs tirá-la da prostituição onde era explorada pela cafetina e um homem chamado Negro Climério que a submetia a explorações das quais estava cansada. Foi nesse contexto que

Negro Climério começou a se incomodar com a relação entre entre Biliza e Luandi, pois não queria que a mesma deixasse de fornecer seus serviços já que era uma das mulheres mais requisitadas o que terminou em uma grande tragédia:

E foi o momento exato, o tempo gasto para tomá-la nos braços e ver sua Biliza-estrela, toda ensanguentada, se apagando. Negro Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval. Luandi tremia. Negro Climério havia matado sua Biliza-estrela. Matou a mulher! Matou a mulher que ia ser tão feliz. Não, não era verdade! Negro Climério era perigoso mesmo. (EVARISTO, 2017, p. 97)

A violência sofrida pela personagem escancarada no romance por Evaristo, infelizmente, não se limita ao imaginário da dramaturgia, cotidianamente, as mulheres brasileiras, especialmente negras e pobres, são vítimas de violências psicológica, política, social e física. Embora as mulheres já tenham alcançado muitas conquistas na sociedade contemporânea é perceptível que ainda existe um caminho longo a se seguir, pois as diversas maneiras de inferiorizá-las, os altos índices de crimes de feminicídio permanecem fortemente enraizadas na nossa cultura que foi estruturada a partir do racismo estrutural, do patriarcalismo, do machismo e da misoginia.

O trabalho feito com o barro por Ponciá e sua mãe Maria Vicêncio, as quais produziam variadas peças é mostrado como uma forma de resistência e maneira de resgatar a história do povo negro. Tais objetos acabaram chegando a cidade e fizeram parte de uma exposição, foi nesse evento que Luandi contemplou as criações das duas e foi invadido por um sentimento de nostalgia e vontade de abraçá-las, ficou orgulhoso de ver que seus nomes estavam identificados em cada jarro, enfeite, etc, ele:

Observava as minúcias de tudo. Havia os objetos de uso: panelas, potes, bilhas, jarros e os de enfeites, em tamanho menor, pequeníssimos. Pessoas, animais, utensílios de casa, tudo coisas do faz de conta, objetos do enfeitar, do brincar. Criações feitas, como se as duas quisessem miniaturar a vida, para que ela

coubesse e eternizasse sobre o olhar de todos, em qualquer lugar (EVARISTO, 2017, p. 89).

Como podemos ver esse trabalho com o barro era de extrema importância para a família, nele estava retratado um pouco da história e cultura dos mesmos, a fala do irmão quando diz que “Um dia ele voltaria ao povoado e tentaria recolher alguns trabalhos dela e da mãe. Eram trabalhos que contavam partes de uma história. A história dos negros talvez. A irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio” (EVARISTO, 2017, p. 109) corrobora para a relevância desses objetos que representam uma manifestação sociocultural, pois “o patrimônio envolve sentimento de pertencimento do indivíduo por está diretamente relacionado com a singularidade do território em que vive, permitindo o resgate de sua identidade, isto é, um patrimônio para além dos fatores materiais” (COUTINHO; FARIAS; FERREIRA, 2019, p. 4). Além disso, o barro também representa lugar de memória, possibilitando que conheçamos a cultura dos povos afrodescendentes e sua identidade seja preservada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo desse trabalho, que foi o de refletir sobre a obra *Ponciá Vicêncio* da escritora Conceição Evaristo (2017), que é uma participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, além disso, pretendemos destacar o protagonismo da mulher negra no referido romance. Convém ressaltar que a literatura tem um papel muito importante para a compreensão da história e é indispensável para a formação crítica dos indivíduos, pois ela permite um olhar sensível e aprofundado da sociedade. Além disso, o romance abordado no presente trabalho possibilita uma (re) construção crítica do nosso passado, no qual é possível conhecer nosso processo histórico da escravidão no Brasil. Por meio da vida de *Ponciá Vicêncio* o leitor pode refletir sobre os mais diversos temas relacionados aos povos negros, seus momentos de lutas e resistências. As memórias que vão sendo construídas pela protagonista são pinceladas de um passado ainda presente e, para além disso, como lidamos atualmente com tais memórias.

Por conseguinte, compreendemos que a escrevivência de Conceição Evaristo é extremamente comprometida com a crítica

social, levando o leitor a analisar a história do povo negro no Brasil e como os preconceitos ainda estão enraizados na sociedade. Apresenta também reflexões, principalmente marcadas pela sua condição de mulher negra, sendo uma forma de auto representá-la e dar voz ao universo feminino, que é posto numa condição de subalternidade numa sociedade misógina e patriarcalista.

Por fim, é de extrema importância estudar autoras negras, não apenas como possibilidade de conhecer outras vozes e outras representatividades das classes populares, ou como forma de “quebrar” a hegemonia branco-masculina na literatura, mas, sobretudo, para compreender a literatura negra como arte de resistência, como uma das possibilidades de registrar as injustiças sociais, as dores e os silêncios que de outra forma permaneceriam ocultos, como ocorre às pessoas que não são ouvidas. A escrevivência de Conceição Evaristo traz uma visibilidade muito significativa para as classes marginalizadas, apresenta-se como um importante lugar de resistência, de visibilidade da voz da mulher negra, de valorização da etnicidade do povo negro. Contribui ainda, para enfrentamento do racismo estrutural que, infelizmente, modelou a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. **Movimento**. vol. 17, n. 4, p. 265-280, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/.pdf> Acesso em: 23 jan. 2022.

ABREU, Márcia. Cultura letrada. Literatura e e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALMEIDA, Silvio. O que é Racismo Estrutural? Belo Horizonte – MG: Letramento, 2018.

ARAÚJO, Rosângela de Oliveira Silva. **A Escrevivência de Conceição Evaristo em PonciáVicêncio**: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e em inglês. 2012. 198 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João

Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6199> Acesso em: 20 jan. 2022.

ARRUDA, Aline Alves. Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro. **Literafrö**. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrö/arquivos/pdf> Acesso em: 16 Dez. 2021.

BALISA, Fernanda Francisca; DAVID, Nismária Alves. A violência contra a mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. **Litterata**. Vol. 7, n. 1, p. 72-82, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1478> Acesso em: 13 jun. 2022.

CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 5ª edição. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro: 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. Trad. Jamile Pinheiro Dias. Editora Boitempo, 2019.

COUTINHO, Ana Catarina Alves; FARIAS, Mayara Ferreira; FERREIRA, Lissa Valéria Fernandes. Louças de barro como patrimônio cultural? Um estudo na comunidade quilombola Negros do Riacho - Currais Novos/RN. **Turydes**. Vol. 12, n. 26, p. 1-20, 2019. Disponível em: Dialnet-LoucasBarroComoPatrimonioCultural-7761340.pdf Acesso em: 20 Jun. 2022.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

MACIEL, Gabriela Carneiro. Literatura como porta voz da resistência: narrativa e poesia de Carolina de Jesus. In: **Setentia**. Disponível em: <https://sententia.com.br/gabrielacarneiromaciel/2022/narrativa-poesia-resistencia-carolina-jesus/>

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. Sur 24. v. 13. n. 24, p. 99-104, 2016. Disponível em: <http://www.unirio.br>
Acesso em: 14 Jun. 2022.

SANTIAGO, Silviano. **Prosa literária atual no Brasil**. In: Nas malhas das letras: ensaio. Riode Janeiro: Rocco, 2002.

SOUZA, Vaneza O. MIRANDA, Carmelia Aparecida S. Escrevivências e movimentos (auto)formativos na pesquisa por uma educação antirracista. In: **Escrevivências de mulheres negras em diáspora: Revista de Estudos Literários da UEMS**. v. 1 n. 24. Campo Grande: MS, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o Subalterno Falar? Trad. Sandra R. G. Almeida et al, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.